

Resplandecer a hi[e]stória: as irmandades religiosas na Semana Santa de Sabará-MG¹

Rudney Avelino de Castro (UFMG)

Palavras-Chaves: Religião, Semana Santa, Sabará.

Introdução

A Semana Santa, uma das mais importantes celebrações do calendário cristão, transborda o aspecto restrito à religião e se inscreve na liturgia do período que abrange sentimentos, ritos e importantes significações sociais. O tempo é de regeneração da fé e de convívio comunitário da população e dos turistas que acompanham tanto as procissões, quanto as cerimônias que acontecem nas Igrejas, nas ruas e nas praças. Ao revelar a crença, que se junta ao rito e reverbera na tradição que ressuscita a memória cultural, toda essa efervescência irrompe com o tempo profano e perfuma de *ethos* sagrado os ares das cidades de origem colonial; Neste espaço de memórias e sentimentos, logo fulgor que dilui a relação espaço-temporal e faz renascer o sentimento de criatura diante do criador, as ordens religiosas leigas (Irmandades) podem ser consideradas a sociogênese das primeiras vilas que deram origem ao que hoje é denominado por estado de Minas Gerais. Neste trabalho o destaque são para aquelas irmandades que se instalaram no arraial que em 1711 foi elevado, por D. Pedro I, à categoria de *Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará*. As marcas desse tempo podem ser observadas na arquitetura dos templos, na iconografia das inúmeras igrejas erguidas, bem como nos relatos e nos documentos que revelam as disputas entre as Irmandades diante da composição das celebrações da Semana Santa na cidade de Sabará. Nesse rastro festivo, este trabalho tem como objetivo analisar a importância que as irmandades, via Semana Santa, desempenharam na sociogênese da cidade de Sabará e, na contemporaneidade, a existência e espessura da relação destas ordens religiosas com o poder público local, do compromisso com o patrimônio cultural religioso, logo, com a própria memória do que é ser sabarense.

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

A nova religião

No mundo greco-romano, a religião católica surge como um facho de luz que, ao romper a linha do horizonte, transborda o fogo sagrado – vinculado à religiosidade doméstica e restrita a cada lar –, levando o culto para a comunidade, para o espaço social de convivências, seja no interior de igrejas, nas casas e/ou nas ruas que serpenteavam as cidades².

Não é nenhum mistério dizer que a sociogênese cultural e religiosa de Minas Gerais tenha como fundamento a hi[e]stória das associações leigas, de forma genérica denominadas *irmandades*. Isso porque no século XVIII as ações da Igreja Católica sofreram restrições da Coroa Portuguesa, neste vácuo de poder, as irmandades religiosas se estabeleceram como as promotoras dos ofícios religiosos e das celebrações litúrgicas. Colocaram-se não somente como as promotoras de tais ofícios, mas as construtoras dos templos e obras relacionadas à Igreja Católica. Ainda hoje, passados mais de 300 anos, são nítidas as marcas das irmandades, tanto na construção dos templos, como na estruturação das cerimônias e compromissos com a cultura nas cidades de proveniência colonial.

A nova religião católica, ao funcionar como agente revolucionário, de acordo com Coulanges (2004), modifica o quadro do que até então se conhecia como sendo a religião e o religioso, erguendo os pilares daquilo que se convencionou denominar civilização ocidental. Ao ultrapassar a religião doméstica, dos cultos locais e dos deuses de cada polis, a nova religião instaura a religião do Deus. É o que afirma Coulanges, ao dizer que:

O Cristianismo transformou no homem a natureza e a forma de adoração; o homem não voltou mais a dar a Deus o alimento e a bebida; a oração deixou para sempre de ser fórmula de magia, mas ficou sendo para o futuro ato de fé e de humildade [...] o temor aos deuses foi substituído pelo amor a Deus (COULANGES, 2004, p.444).

² O fogo sagrado era a referência ao fogo alocado no centro do lar de cada casa grega e romana, sendo o culto aos antepassados uma obrigação dessa religião que foi edificada no espaço doméstico. Coulanges afirma que este “fogo tinha algo de divino; adoravam-no, prestavam-no verdadeiro culto. Davam-no como oferenda tudo quanto julgavam pudesse agradar a um deus: flores, frutas, incensos, vinho” (COULANGES, 2004, p.19). A palavra **católico** vem do latim *catholicus*, e este do grego καθολικός (*katholikós*), de *kata* (*kata*= sobre, como em cataclismo e catacumbas) e *ολός* (*holos*= todo, como em holocausto e holograma), ‘através do todo’, o que faz referência ao ‘universal’ (Disponível em <<http://etimologias.dechile.net/?cato.lico>> acesso em 10 de julho de 2017).

A Semana Santa: Corpos cerzidos na duração da procissão

A partir de Perez (2013), em seu trabalho sobre as procissões em Lisboa, percebe-se a inter-relação de poder que cerze festa, religião e cidade na formação de um corpo social que é capaz de revelar o *modus vivendi* da cultura lisboeta e, acrescenta-se que, ao mesmo tempo, em Minas Gerais, essa inter-relação transpõe a mera representação folclórica, e se instaura na duração da experiência, naquilo que é capaz de transmutar a fugacidade da existência na singularidade da vida. Nas procissões do período da Semana Santa, o emblemático corpo místico de Cristo convida ao retorno às origens da fé católica e, por meio do sentimento de criatura, sacraliza a aliança que almeja ultrapassar o dever profano e religar o ser humano ao Deus³.

Vários corpos em produção e em mistura: o corpo humano e divino do Cristo, o corpo eclesial da Igreja, o corpo cristão da sociedade, o corpo social da cidade, o corpo individual de cada fiel. Corpos que se fazem e refazem, a cada procissão, a cada ano e na duração. Corpos místicos (logo, sagrados), a serviço de um mito religioso (a Igreja) e político (a cidade, a nação), que se produzem e reproduzem coletivamente e publicamente (logo, sociais), em reunião extraordinária e especialmente consagrada (logo, em festa), em desfile público pela cidade, no coração da cidade (Perez, 2013, p. 161).

O Juiz-Forano jornal *Tribuna de Minas*, em seu caderno de turismo, *Boa Viagem*, traz como manchete: “Semana Santa. Tradição preservada em Minas – ruas de pedras decoradas e janelas enfeitadas com toalhas bordadas para as procissões mudam a paisagem das cidades históricas”:

A religiosidade de Minas Gerais faz da Semana Santa uma das épocas mais interessantes para visitar as cidades históricas. Em São João Del Rei, Tiradentes, Ouro Preto e Mariana, a programação dos dias santos oferece cerimônias emocionantes que convidam à participação e reflexão. São missas, procissões e encenações que enchem de vida as igrejas barrocas e as típicas ladeiras de pedra. O casario colonial ganha uma dose a mais de beleza com as decorações feitas pelos moradores. (TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 5 abr. 2000)

Toda essa efervescência, esse descortinar do sagrado, foram fontes de receitas, de donativos e de despesas para as irmandades que nasciam e começaram a se formar conjuntamente ao estado de Minas Gerais. As cerimônias religiosas, por elas realizadas, eram compromissos instituídos; aqueles que faltassem às obrigações estavam sujeitos a

³ Nas palavras de Rudolf Otto, “Trata-se de um sentimento confesso de dependência que, além de ser muito mais do que todos os sentimentos naturais de dependência, é ao mesmo tempo qualitativamente diferente. Ao procurar um nome para isso, deparo-me com o sentimento de criatura – o sentimento da criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura” (OTTO, 2007, p.41).

pena de serem afastados da confraria a qual pertenciam, tornando-se uma espécie de exilados, uma pessoa de pouca confiança entre os membros da Irmandade.

As irmandades leigas e a formação das hierarquias

O erário pertencente a cada uma dessas agremiações religiosas vinha, sobretudo, do comércio que girava em torno da vida cultural e artística que se intensificava na medida em que as vilas se expandiam, isso porque a arte, a festa e o sentimento religioso entravam em um limiar de indecidibilidade. É o que nos diz Adalgisa:

Por um lado, os ritos geravam custos expressivos aos leigos e, por outro lado, dinamizam a vida cultural e artística, pois até então arte e expressão do sentimento religioso andavam juntas. A despesa rateada conforme o nível hierárquico era, na verdade, um investimento, pois conferia prestígio aos membros da mesa diretora (CAMPOS, 2007, p.80).

Muito além de se restringir a um apêndice da religiosidade católica, as *associações leigas* transpuseram os umbrais devocionais e se instauraram como agentes de sociabilidade, de filantropia e assumiram a responsabilidade em auxiliar os seus agremiados ao longo da vida e na morte, muitas vezes, diante da ausência de Portugal, o auxílio na vida e na morte foram importantes motivações que levaram os habitantes da então Minas Gerais a constituírem e se fixarem nessas *irmandades*.

Nas palavras de Callois, na festa “os grupos complementares e antagonistas se confundem, atestam sua solidariedade e fazem colaborar com a obra da criação dos princípios místicos que eles encarnam e que acredita-se, ordinariamente, não dever se juntar” (CALLOIS, 1950, p.166). Fato é que ao ditar o ritmo que revigorava a vida em comunidade, ao mesmo tempo em que revivia a mística da criação, as festas promovidas por essas associações religiosas, colocavam em movimento as ruas das vilas e oxigenava a formação do tecido social.

Para se ter dimensão da importância de pertencer a essas associações, o volume das despesas geradas era fracionado de acordo com a posição que os membros ocupavam na hierarquia da irmandade. Para além do pensamento pautado no custo de manutenção, a verdade é que quanto mais alto era o posto, maior status era atribuído ao indivíduo, de maneira que as obras pertencentes às irmandades, bem como as festas por elas oferecidas, eram atitudes de demonstração de prestígio, hierarquia e oportunidade

de projeção social. Campos descreve a hierarquização social promovida pelas Irmandades então instituídas, ao relatar que:

Por um lado, os ritos geravam custos expressivos aos leigos e, por outro lado, dinamizam a vida cultural e artística, pois até então arte e expressão do sentimento religioso andavam juntas. A despesa rateada conforme o nível hierárquico era, na verdade, um investimento, pois conferia prestígio aos membros da mesa diretora (CAMPOS, 2007, p.80).

Distintamente das que se instalaram no litoral, as Irmandades em Minas Gerais não estiveram, por motivos econômicos e religiosos, subordinadas ao Clero. Boschi, ao apontar o espaço fronteiro da vida religiosa em Minas Gerais, diz que “os sacerdotes eram contratados pelas irmandades para a celebração de ofícios e de práticas religiosas. Com isso, relativizava-se a autoridade eclesial dos celebrantes” (BOSCHI, 2007, p. 60). Assim, as confrarias afloram em um limiar entre o permitido e o interdito, isso porque das ordens enviadas de Portugal, as autoridades governamentais outorgavam-lhes poderes, ao mesmo tempo em que o clero questionava os limites à sua atuação, por entender que iam muito além dos propósitos devocionais.

Faz-se importante registrar que apesar da sua gênese ser proveniente da metrópole, ou seja, de Portugal, as irmandades mineiras não podem ser reduzidas a meras cópias comparativas, uma vez que no interior do Brasil essas entidades se desenvolveram de uma maneira inequivocamente singular, ainda que não tenham negado o tronco cultural luso – de onde se derivaram–. O fato é que assim como o Estado português, a Igreja Católica, do ponto de vista institucional, não se fez presente na fase incipiente. Não quer dizer que o então território de Minas Gerais esteve completamente abandonado, mas as ações provenientes da coroa se fizeram por meio de outorgas individuais, sendo os eclesiásticos, por meio das missões, que cruzaram o atlântico. Boschi e Rachi (2007), ao referirem-se à entrada dos missionários católicos no Brasil, diz que esses:

Realizaram de tal maneira expressiva e constante que, cumpridos poucos mais de dez anos do aparecimento das primeiras pepitas de ouro, a Coroa decidiu promulgar textos cerceadores e proibitivos quanto à fixação de religiosos e à construção de estabelecimentos que viessem a abrigar congregações religiosas. (BOSCHI, RACHI, 2015, p.39)

Tais particularidades impediram que nas minas setecentistas as ordens religiosas pudessem construir estabelecimentos para abrigá-las e, ao mesmo tempo, permitiram o nascimento e a robustez das *irmandades leigas* que aqui foram sendo germinadas. Fato é que os decretos provenientes de Portugal não foram orientados apenas pela mera

redução de missionários, mas pelo engajamento da coroa na busca por controlar os missionários que já desenvolviam, em território ultramarino, o comércio e seguiam sonhando os tributos régios – principalmente aqueles relativos à exploração dos veios auríferos –.

Da celebração: um breve olhar sobre a hi[er]stória Sabará

No multiverso de festividades, a visibilidade dessas associações leigas tem na Semana Santa o seu apogeu, essas formavam uma complexa rede de instituições associativas, cada qual em torno do santo que apadrinhava os seus membros e, distintamente ao que acontecia em Lisboa, onde as Irmandades estavam inteiramente sujeitas ao poder eclesial da igreja à qual pertenciam, nas Minas Gerais do século XVIII a escolha dos oragos trouxeram um característico formato na revelação dos interesses locais.

Na experiência com o sagrado, o elo entre os membros de cada uma das ordens instituídas, ultrapassava a influência de autoridades temporais, religiosas e das profissões dos seus membros, se aproximando a origem de cada um dos membros e da sua relação pessoal com o orago, é o que Luiz Carlos Villalta acresce ao dizer que “ao contrário do que ocorria em Portugal, contudo, as irmandades em Minas não escolheram seus respectivos oragos com base nas profissões de seus membros” (VILLALTA, 2007, p.23). De tal maneira, na falta de médicos, recorria-se ao orago da irmandade no intuito de pedir pela boa saúde; na procura do metal precioso, uma forma de solicitar a indicação dos caminhos que levariam aos veios de ouro; e, diante da finitude terrena, uma maneira de implorar pela salvação da alma.

Sabará é mais bonita vista de longe, quando a irregularidade aumenta a beleza. A grande mancha das casas, de um branco lácteo, com telhados vermelhos, tendo grandes quintais, jardins e pomares, com o verde carregado das laranjeiras e jabuticabeiras e o verde mais claro das bananeiras, estende-se pela margem inclinada de uma espécie de “doab” ou “Rincón”, onde dois rios formam um ângulo. (Burton, 1976, p.352)

É a partir do século XVII que Sabará torna-se uma importante Vila, um local de grande notoriedade nas esferas políticas, culturais e religiosas. Fonseca (2002) nos aponta que algum dos elementos que viabilizaram toda essa pujança foi o fato que tornou o Arraial de Sabará à Vila de Nossa Senhora da Conceição do Sabará (1711) e, três anos depois a sede da vasta Comarca do Rio das Velhas, a mais populosa das Minas

Gerais, alocada no mais importante caminho dos tropeiros rumo à Bahia. É nesta prerrogativa, de importante entreposto comercial e ponto de contato entre regiões, que as irmandades religiosas ali instaladas, colocam o até então arraial em evidência, transformando-o em centro de cultura, religiosidade e economia, atraindo a atenção de pessoas provenientes das varias partes do então império brasileiro.

Para o mapeamento das irmandades sabarenses, bem como a importância que as irmandades, via Semana Santa, desempenharam na sociogênese da cidade de Sabará e, na população coeva, a existência e espessura da relação destas ordens religiosa com o poder público local, do compromisso com o patrimônio cultural religioso, logo, com a própria memória do que é ser sabarense, faz-se importante fazer o inventário embrionário dos seus primórdios. É o que consta no quadro abaixo⁴:

Orago da irmandade	Data mais remota
Santíssimo Sacramento	1710
Nossa Senhora do Rosário	1713
Nossa Senhora do Amparo	1740
Nossa Senhora do Carmo	1761
São Francisco de Assis	1761
Nossa Senhora das Mercês	1778
Santa Casa de Misericórdia	1787
Nossa Senhora da Expectação do Parto (Nossa Senhora do Ó)	Sem data

Quadro I – Irmandades nas Minas Gerais do século XVIII Comarcas eclesiásticas de Sabará e Caeté

O que Boschi (2015) nos aponta que a análise do perfil das irmandades da cidade de Sabará, é uma tarefa árdua e que demanda a bricolagem na composição do mapa de continuidades, isso porque elas não tiveram o movimento contínuo ao longo de suas existências. Sendo que nesses vácuos de dados relativos às suas hi[e]stórias, elas se distanciavam das atividades em evidência e se reconstituíam a partir de movimentos periódicos de reorganização. Por isso as fontes documentais, nessas roturas, serem praticamente nulas, ficando os assentamentos circunscritos aos períodos anteriores e/ou posteriores.

⁴ Parte desses dados foi retirado de (BOSCHI, RACHI, 2015, p.63-65).

Para dialogar o quadro acima com os atuais apontamentos de (Boschi, Rachi, 2015), abaixo segue o quadro 2 (dos autores referidos), identificado como *Irmandades criadas no século XVIII e existentes sob a jurisdição da Arquidiocese de Belo Horizonte em 2015*:

Localidade	Orago da irmandade
Sabará	Nossa Senhora do Amparo Nossa Senhora do Carmo (Ordem Terceira) Nossa Senhora do Rosário Santíssimo Sacramento, na matriz de Nossa Senhora da Conceição

Quadro II – *Irmandades criadas no século XVIII e existentes sob a jurisdição da Arquidiocese de Belo Horizonte em 2015*

Os dados, colhidos ao longo de pesquisas realizadas na Semana Santa 2015-2016, demonstram que das irmandades acima citadas, três são de grande destaque nas cerimnias da Semana Santa sabarense, especialmente nas vigílias realizadas nas Igrejas que estão inseridas no percurso litúrgico, são elas: a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, a irmandade do Santíssimo Sacramento, a irmandade do Rosário e uma quarta que não aparece nos quadros acima, mas que se autodenominam como irmandade, é a irmandade de Nossa Senhora das Dores, formada apenas por mulheres,  essa irmandade que faz a vlia da santa que fica na Igreja das Merces à espera da saída na Procissão do Encontro.⁵

Quando perguntei sobre a importância da vigília nas igrejas, no decorrer da Semana Santa, um dos guardas que estava fazendo a vigília do Senhor dos Passos me respondeu que

o pessoal fica em vigília aqui dentro e, de hora em hora, eles vão trocando. Bom, a ideia era te falar o seguinte: o povo de Sabará, quando Jesus foi crucificado, ele ficou absolutamente sozinho. Os discípulos fugiram, aquelas pessoas que foram curadas por Jesus, sumiu. Ele morreu sozinho e foi enterrado em uma sepultura nova, ou seja, não tinha nem outros cadáveres l não. Ele estava absolutamente sozinho. Então o povo de Sabará quis falar o seguinte: , t sozinho não. Antes do Anjo abrir isso aqui, essa pedra e Jesus ressuscitar, o povo de Sabará entra e faz vigília. É como se tivesse falando assim pra Jesus: , nós somos aqueles amigos que não fugiram. (Alves, 2015)

⁵ O campo, que faço referência no texto,  parte da pesquisa, da qual sou integrante e bolsista e cujo título  “Festa, religião e cidade: interfaces e modulaoes luso-brasileira”, coordenada pela Prof Dra. La Freitas Perez, com financiamento do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

No quadro II consta a existência, sob a jurisdição da Arquidiocese de Belo Horizonte, da irmandade de Nossa Senhora do Amparo, no entanto, em entrevista realizada com moradores da cidade de Sabará, ao perguntar sobre as irmandades existentes, um dos entrevistados se refere à irmandade de Nossa senhora do Amparo e diz que:

A irmandade de Nossa Senhora do Amparo, aqui de baixo, morreu tem muitos anos, eu nem lembro dela existir. Mas, mãe contava que era menina quando desativaram. E a do Carmo permanece. A de Nossa Senhora do Carmo permanece como uma Irmandade mais centrada nos objetivos dela. Eles cumprem fielmente o estatuto, aquela parte regimental, aquela parte do cerimonial A gente passa por transições... de padre, também! Prejudica muito. Ne? (Izabel, 2016)

As incursões em campo e as análises documentais, demonstraram haver o transbordamento, ou descontinuidade, daquilo que os sabarenses durante muito tempo chamaram de *irmandade religiosa*, esta experiência impregnada no tropo *irmandade* está mais próximo à vivência de fraternidade, nas obrigações de comunidade religiosa, estando mais distante de uma instituição formalmente constituída, como as que se instauraram nas Minas Gerais do século XVIII.

Considerações finais

Fica patente que a Semana Santa sabarense tem uma relação de genealogia religiosa que está costurada ao passado das cidades históricas de Minas Gerais, sendo parte de uma imensa colcha de retalhos que cobre segredos e desperta o fascínio pela periodicidade dos ritos sagrados, tempos que são capazes de desvelar os mistérios de eras imemoráveis, de práticas cujas procedências têm como referencia imagético o poder existente no tropo *irmandade religiosa*, esse opera como sendo o condutor das pátinas de memórias, acontecimentos que são revisitados e produzidos coletivamente na espessura das tradições do catolicismo sabarense. Nas palavras de Marcel Mauss:

Uma noção religiosa separada das práticas onde ela funciona é coisa vaporosa e vaga; e uma prática cujo sentido não é conhecido de fonte certa, para a ciência não passa de uma série mecânica de movimentos tradicionais, cujo papel só pode ser determinado de maneira completamente hipotética (MAUSS, 2009, p.231).

É na Semana Santa que reside a principal liturgia orquestrada pelas irmandades; momentos impregnados de memória e sentimentos que revigoram os laços comunitários

e o pertencimento religioso, sendo que é no limiar da indecibilidade instaurada na dimensão da [fe]sta, que rebrota toda a vitalidade, ainda que combalida, das irmandades mineiras. É inquestionável que nas cidades históricas de Minas Gerais, em destaque para Sabará, há mais de três séculos as ruas e templos ficam abarrotados por uma horda de fieis que, via ação das irmandades, revivem os primórdios do catolicismo, sendo que nas procissões da Semana Santa fica ainda mais evidente todo o barroquismo que, a um só tempo, anuncia e denuncia toda a proveniência do [ser] mineiro.

REFERENCIAS

Alves. **Entrevista Semana Santa**. [2015]. Sabará. Entrevista concedida a Rudney Avelino de Castro.

Arquivo Nacional Torre do Tombo. **Mesa da Consciência e ordens**. Disponível em: <<http://digitalq.arquivos.pt/details?id=4223364>>. Acessado em 19 de ago. 2015.

BENJAMIN, Walter. Caderno de Leituras. In: **O terramoto de Lisboa**. Tradução de João Barreto. Lisboa: Chão de feira. 2015. Tomo I, vol. 2.

BOSCHI, Caio César. **Irmandades, religiosidade e sociabilidade**. In: As Minas Setecentistas, v.2. Belo Horizonte: Autentica; Companhia do tempo, 2007.

BOSCHI, Caio César; RACHI, Silvia. **A arquidiocese de Belo Horizonte e o laicato**. In: “Viver em confraternidade: o tempo das associações leigas”. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2015.

CAILLOIS, Roger. **L’homme et lesacré**. Paris: Gallimard, 1950.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Mecenato leigo e diocesano nas Minas Setecentistas**. In: As Minas Setecentistas, v.2. Belo Horizonte: Autentica; Companhia do tempo, 2007.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Semana Santa na América portuguesa: pompa, ritos e**

COULANGES, Fustel de. **A cidade Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 5ª Ed, 2004.

Estudo do Comportamento Social das Irmandades de Minas no Século XVIII. São Paulo: Perspectiva, 2ª Ed, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

Izabel. **Entrevista**. [2016]. Sabará. Entrevista concedida a Rudney Avelino de Castro.

LE GOFF, Jacques. **Memória e Hi[e]stória**. Enciclopédia Einaudi, v.1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da moeda, 1984.

PASSOS, Mauro; NASCIMENTO, Maria Regina do. **A Invenção das Tradições: crenças e formas de expressão religiosa.** In: “Não abandone o homem aqueles que Deus chamou – “Encomendações de almas” na religiosidade popular em Minas Gerais. Belo Horizonte: OLutador. 2013.

PENTEADO, Pedro. **Confrarias portuguesas da época moderna: problemas, resultados e tendências da investigação.** Lusitânia Sacra, 2º série, 7 (1995).

PEREZ, Léa Freitas. **Fazer corpo na duração do fazer corpo.** Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 44, n. 2, jul/dez, 2013.

PEREZ, Léa Freitas. **Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas.** CIES e-WORKING PAPER N.º 101/2010.

SALLES, Fritz Teixeira de. **Associações Religiosas no Ciclo do Ouro: Introdução ao**

SCHWARCZ, Lília. **O império em procissão: ritos e símbolos do Segundo Reinado.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

VILLALTA, Luiz Carlos. **A igreja, a sociedade e o clero.** In: As Minas Setecentistas, v.2. Belo Horizonte: Autentica; Companhia do tempo, 2007.